

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NA RUA

Report of experience with young people in situations of social vulnerability in the street

Josenaide Engrácia dos Santos¹

Jamili Joana Calixto²

Pricilla Braga Fernandes³

Ana Carolina Oliveira Moreira⁴

RESUMO

O aumento da população de rua, principalmente crianças e adolescentes, resultante de condicionantes e determinantes sociais, tem sido debatido em diferentes espaços de discussões. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de duas residentes em saúde mental nas atividades de um consultório na rua, voltado para jovens em situação de vulnerabilidade social, no município de Salvador/BA. Nesse universo, nota-se que entre estes jovens permeiam gestos de solidariedade, respeito, honestidade, de cuidado mútuo e do auto cuidado, bem como de potencialidades cognitivas e artísticas. Contudo, a rua não deixa de ser um lugar fronteiro onde o risco pessoal e social é eminente. Concluimos que essas reflexões podem contribuir para uma mudança de olhar da sociedade a esses cidadãos invisíveis, além de fornecer subsídios para o planejamento e execução de ações de saúde e cidadania.

Palavras-chave : Menores de Rua. Vulnerabilidade Social. Transtorno por Substancias Psicoativas.

ABSTRACT

The increase in the homeless population, especially children and adolescents, resulting from conditions and social determinants, has been debated in different discussion spaces. The goal of this study is to report the experience of two Mental Health residents during their development of activities in an 'office on the street', facing young people in situations of social vulnerability, in Salvador / BA. In this universe, we note that there are many things among these young like gestures of solidarity, respect, honesty, mutual care and self care, as well as cognitive and artistic potential. However, the street is still a border to an imminent social and personal risk. We conclude that these reflections can contribute to

1.josenaidepsi@gmail.com; 2. jamicalexto@yahoo.com.br; 3. pricilajp@hotmail.com ; 4. carolmoreoli@hotmail.com

a change in society's view to these invisible citizens, and provide support for planning and implementation of health and citizen actions.

Keywords: Homeless Youth. Social Vulnerability. Substance-Related Disorders

RESUMEN

El crecimiento de la población sin hogar, especialmente, los niños y adolescentes, como consecuencia del desarraigo familiar y caracterizado por el aislamiento social se discute en distintos medios de comunicación y académicos. El objetivo de este trabajo es compartir los resultados de las prácticas de dos internas de salud mental en las actividades de un consultorio de la calle dirigidas a jóvenes en situación de vulnerabilidad social, en la ciudad de Salvador de Bahía. En esse universo, se observa que entre ellos permean las expresiones de solidaridad, respeto, honestidade, de cuidado mutuo y el cuidado personal, así como el potencial cognitivo y artístico. No obstante, la calle no deja de ser un sitio fronterizo donde el riesgo personal y social es eminente. Concluimos que esas reflexiones puede contribuir a un cambio de mirada de la sociedad hacia esos ciudadanos “invisibles” y que puedan servir a la planificación y ejecución de acciones sanitarias y de ciudadanía.

Palabras-clave: Jóvenes sin Hogar. Vulnerabilidad Social. Trastornos Relacionados con Sustancias.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da desigualdade social acirrado com o modelo corrente de uma sociedade individualista, advindo como produto do modo de produção capitalista desvaloriza o indivíduo como ser social, desfilado dos seus direitos como cidadão. Fazemos parte desse ciclo e de maneira acrítica, por vez, olhamos para a realidade dessa desigualdade, mas não a vemos; até ouvimos falar que ela existe, mas parece que não se cria eco. A vida do cotidiano se torna algo a ser consumido como normal, onde se ignora a condição limítrofe da dignidade de ser humano de determinados grupos segregados.

Estreitaremos esse diálogo ao âmbito da crescente problemática vivenciada, vista e revista, pelas grandes metrópoles brasileiras: o aumento da população de rua, onde crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, familiar, psíquica e física recorrem às ruas como meio de sobrevivência. Assim, de acordo com Nery Filho e Messeder¹ esse fenômeno reflete a realidade da indigência desse grupo excluído que encontra a rua como alternativa para se livrarem de ambientes hostis resultante das crises familiares, marcadas pelo abandono social. Nesse ponto, o abandono também se dá por nós, sociedade, que fechamos os olhos e fomentamos esse sistema de exclusão.

Cotidianamente podemos ver nas ruas das cidades jovens em situação de rua recorrem às Substâncias Psicoativas (SPA's) para acalentarem e suportar a realidade da exclusão, abandono e sofrimento. Deste modo, segundo Castells² compreendemos que o risco está em ambos os lados, tanto na casa, que deixa de ser um lugar de proteção e aconchego, quanto na rua, que passa a ser o lugar onde as pessoas tentam se resguardar da aflição e das ameaças da casa, vivendo a dramática condição do não lugar e lugar nenhum.

Na perspectiva de fornecer dados mais concretos sobre o consumo de drogas por essa população, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), conforme Noto et al³ apresenta um panorama geral sobre o uso de substâncias psicoativas entre crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil. Os dados apresentados têm possibilitado a avaliação da tendência do uso de drogas por esses jovens, apresentando a complexidade da situação de rua, bem como algumas intervenções realizadas pelos diversos serviços de assistência voltadas para essa população específica.

Ainda segundo autores supracitados os dados do CEBRID constataram que existe um alto índice de consumo de drogas, incluindo o álcool, é bastante alto entre crianças e adolescentes de 9 a 18 anos. Para esses jovens, o álcool não apareceu como a droga favorita, mas seu consumo recente (últimos 30 dias) ainda se encontrava no patamar de 43% nas cidades pesquisadas e o consumo semanal ou diário chegava a 22% de SPA's entre os jovens em situação de rua. Infelizmente, a principal porta de entrada desses jovens para serem assistidos são os serviços de urgência e emergência, quando as condições de saúde se agudizam.

A criação de conexões com esse grupo social, respeitando sua autonomia, direito de escolha e evitando juízos morais, é um desafio difícil, mas possível para trabalhadores de saúde. Atualmente, em Salvador, há um dispositivo para atender a essa população em

situação de rua e usuária de drogas, e, portanto exposta a risco pessoal e social. Neste dispositivo, denominado Consultório na Rua, o atendimento se dá no território, nas ruas, debaixo dos viadutos, nos lugares onde a população da rua vive e se refugia, fora dos muros institucionais.

O que essa discussão tem a ver conosco? Estamos inseridos nessa realidade onde cada vez mais jovens são cada vez mais excluídos, e como profissionais de saúde apostamos no fazer diferente, em intervenções que possibilitem o deslocamento dessa realidade e a promoção de relações mais saudáveis. Através do Programa de Residência Multiprofissional da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, do núcleo de Saúde Mental e tendo como campo prático o Centro de Atenção Psicossocial de álcool e outras drogas (CAPS-ad), tivemos a possibilidade de exercer ações nesse contexto.

A vivência enquanto residentes do Núcleo de Saúde Mental no Projeto EspaSSos na Rua, nome dado ao citado consultório na rua, sensibilizou a nossa percepção em relação a essa população, daí a necessidade de compartilhar a experiência, para sensibilizar profissionais de saúde e áreas afins para que essa realidade seja vista e discutida, possibilitando a elaboração e concretização de propostas de intervenção. O objetivo deste trabalho é, portanto, relatar a experiência de duas residentes em saúde mental nas atividades de um consultório na rua voltado para jovens em situação de vulnerabilidade social, no município de Salvador-BA.

METODO

Trata-se de estudo que considera a experiência vivenciada no consultório na rua na atenção a usuários, tendo como ponto de partida a teoria desenvolvida a partir das práticas, desenvolvido pelos residentes do Programa Multiprofissional em Saúde do núcleo de Saúde Mental da Universidade do Estado da Bahia. O artigo é um relato dedicado à coleta de depoimentos e registro de situações e casos relevantes que ocorreram no projeto Espassos da rua.

Projeto EspaSSos da rua: estratégia de intervenção no território

O Projeto EspaSSos da Rua é um dispositivo territorial que visa prestar cuidados à saúde diretamente aos jovens em situação de rua. Funciona, consoante Maciel⁴, como

porta de acesso para o serviço que é prestado pelo CAPSad e para outros serviços disponíveis através do matriciamento das Redes Sociais e de Saúde. .

Fundamenta-se na perspectiva da clínica ampliada, que é, segundo Onocko⁵, a possibilidade concreta de incorporação de saberes, responsabilizando-se não somente pelas necessidades, mas também pelas demandas concretas dos usuários. Também é norteadora do projeto a lógica da redução de danos, que conforme Brasil⁶ é lidar com as singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas. O EspaSSos da Rua é para acolher, sem julgamento, o que em cada situação, com cada usuário, é possível, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que deve ser feito, sempre estimulando a sua participação e o seu engajamento.

O Projeto EspaSSos da Rua tem sua organização baseada no atendimento por diferentes categorias profissionais, composta por: enfermeira, terapeuta ocupacional, educadora física, artista plástica/socióloga, redutor de danos, músico, ator, motorista e uma estagiária de farmácia. É comum a participação periódica de residentes que têm o CAPS ad como área de atuação. Dessa forma, acompanhamos as atividades realizadas pela equipe diretamente a esta população por um período de dois meses, qual seja: dezembro de 2010 a janeiro de 2011. As atividades ocorriam às segundas-feiras em uma das maiores praças públicas da cidade de Salvador, no período noturno.

A partir desse momento, para nomear essa vivência chamada EspaSSos da Rua, apresentaremos as expectativas e anseios que antecederam o encontro, a sua magia e a reflexão do que foi e do que ficou dele.

Atravessando as paredes invisíveis da rua

O referido projeto ocorre no período noturno, tendo como público-alvo crianças e adolescentes em situação de rua, os quais faziam uso de SPA. Vale ressaltar que esses jovens viviam nas ruas, embora alguns poucos tivessem uma casa para morar, com fragilidade de vínculos familiares, alguns não possuíam documentação e tinham limitado acesso à educação e à saúde, bem como se alimentavam a partir de doações que recebiam na praça. São os chamados invisíveis para a sociedade.

Numa retrospectiva, recordamos o nosso desejo de penetrar nesse *mundo dos invisíveis*, onde fomos invadidas por intensas sensações de medo, anseios e receios, ansiedade e expectativas. Ao resgatarmos esses sentimentos, percebemos que eles eram

legítimos frente à correnteza estereotipada que consumimos da mídia, onde restam apenas as roupagens negativas de que esses jovens, conforme Zaluar⁷, sejam perigosos, traficantes, criminosos. Diante dessa dialética do sentir, naquele encontro, como profissionais de saúde, se fazia necessário separar o que de fato existe, a violência social, e a fantasia, a imagem unilateral consumida e fomentada por nós. Precisávamos estar atentas, mas abertas para o limiar de outros significados. O medo poderia nos paralisar, todavia, os anseios e expectativas de nos fazermos presente nessa vivência prevaleceram, movendo-nos ao desconhecido. Seja qual for o registro inicial, deslumbramos o percurso seguinte e apostamos no olhar, no ouvir, no sentir de cada experiência uma possibilidade de se fazer diferente, respeitando, sempre a plasticidade de cada ser humano, inclusive a nossa.

O encontro: a magia dos ressignificados e das reconstruções...

Os passos se juntam nos EspaSSos da Rua. Ao chegarmos à praça, ainda sentíamos certo receio de adentrar naquele local, pois pela primeira vez não o sentíamos como de todos, mas de uma população em particular. Poderíamos estar invadindo a casa deles, sua moradia. No entanto, a receptividade deles com a equipe se estendeu para nós; estávamos sendo acolhidas. Não precisava invadir o local, pois os próprios donos nos convidavam a entrar em seu espaço. Gestos simples como um aperto de mão, uma pergunta sobre quem éramos nós, quais atividades iríamos propor para aquele momento. Quando nos demos conta, já estávamos entre eles, compartilhando suas histórias, sem o medo de sermos roubadas, assaltadas ou agredidas. Nesse momento, nos desprendemos das outras experiências, das pré-concepções e literalmente nos permitimos ao novo, para o que acontecer.

A aproximação se deu também pelo reconhecimento do território: uma praça conhecida sob o viés da estranheza. Já havíamos passado por ela em situação do cotidiano, onde o que acontecia nela passava despercebido. É uma praça com o formato de um círculo, rodeada de lojas comerciais, que no horário noturno encontram-se fechadas. Tem alguns vestígios do que foi um parque e aparelhos para exercícios físicos, poucos bancos situados nas extremidades da praça, algumas árvores e gramado. No centro dela, existe um monumento em forma de feto, rodeado por uma cerca, que às vezes acaba se tornando depósito de lixo.

Aos poucos, a configuração do espaço estava dada: vinha um, se chegava outro e com uma bola de futebol como pretexto eram tecidos os contatos, cruzavam-se os olhares. Quando nos demos conta, uma roda de interações se revelava: os maiores, “batendo baba”, outros conversando; crianças brincando de bambolê, desenhando, jogando amarelinha. Cada um na sua expressão, se fazendo sujeito do momento e não mais carregando os rótulos de serem marginais ou delinqüentes.

Nessa dinâmica de jovens e rua, para compor o tripé rua-jovem-droga, circulava entre eles o uso de Substâncias Psicoativas (SPA's), como a maconha e o inalante (cola). Esse último, por vezes era armazenado em garrafas de água mineral, que ficavam nas mãos ou guardadas entre as roupas, mais especificamente, dentro das cuecas, tendo livre acesso. Já a maconha, era utilizada em grupo e geralmente numa roda mais afastada das atividades. Noto e colaboradores⁹ trazem em suas pesquisas que o inalante é a primeira droga ilícita experimentada por jovens em situação de rua, sendo a segunda droga mais utilizada a maconha com 40,4% de uso na vida.

Notamos que esse trânsito de drogas ilícitas dá aos jovens deste relato o rótulo de drogados, mas até este foi diluído e resignificado por nós, desde quando ficava visível que o uso estava associado às diversas situações relacionadas às condições de vulnerabilidade em que os mesmos se encontravam. Por isso, percebemos que as drogas para Noto et al³ estão relacionadas justamente a uma estratégia de sobrevivência que tem extrema importância para essa população, pois seus efeitos fornecem uma pluralidade de sensações, desde as prazerosas, ocasionando euforia e poder, até as alterações da realidade, promovendo uma proteção psíquica contra a sofrida realidade externa e interna. Monteiro⁸ afirma que ao fazer uso das drogas, as crianças e adolescentes em situação de rua estariam diminuindo as angústias relacionadas às suas condições de vida existenciais, e assim através de sensações de prazer e êxtase, teriam a possibilidade de sentir-se vivo no único registro que este indivíduo possui diante de uma história de vida e de um ambiente fragmentado como a rua.

O momento em que a equipe se aproxima no campo de atuação do território, escuta as demandas, iniciando um processo de vinculação. A aproximação com os jovens aconteceu de forma espontânea, com o apoio e suporte da equipe do Projeto EspaSSos da Rua. Foram desenvolvidas diversas atividades para prestar um cuidado assistencial e preventivo, as quais foram realizadas tanto no âmbito individual quanto coletivo.

No desenvolvimento das ações coletivas, as oficinas, que acontecem constantemente e pelos quais os jovens têm uma afinidade, dentre elas: grupo de música, composto normalmente por jovens que tem habilidade com os instrumentos musicais; atividades de desenho e pintura, e que atrai crianças com menor faixa etária; atividades de esporte, dentre elas o famoso bate bola, o futebol, para Elias¹⁰, de uma maneira simples ou complexa (...) as atividades de lazer proporcionam (...) a erupção de sentimentos agradáveis fortes e a sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. Outras atividades desenvolvidas pela equipe foram estratégias de Redução de Danos, relacionadas tanto ao uso de SPA's, quanto a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

No âmbito individual, tivemos a oportunidade de proporcionar a essa população espaços de escuta, no intuito de conhecer melhor a suas histórias, de estreitar vínculos e de enxergar essa população com os seus próprios olhos. Percebemos que uma simples escuta poderia fazer com que um morador de rua relatasse que ao longo de dez anos da sua vivência nas ruas, não teve espaço para aflorar suas emoções, faltando-lhe o lugar para o choro e ali naquele momento ele se permitiu chorar. Chorar por ter alguém que pela primeira vez, pode simplesmente escutá-lo. Escutar é reconstruir (e respeitar) os motivos que ocasionaram sua presença na rua, e as correlações que ele estabelece entre o que sente e a vida.

Do olhar estigmatizado para um olhar cidadão.

A sensibilização para uma mudança de olhar a esta população em situação de rua aconteceu desde o nosso primeiro encontro com a equipe do EspaSSos da Rua, na reunião que acontece todas às segundas-feiras à tarde antes da ida à praça, pois nos era solicitado pela equipe que nos adentrássemos com cautela naquele lugar. Para apreender os modos de vida dos meninos em situação de rua, tivemos de trabalhar nossa própria disponibilidade interna, de desfazermos dos (pré) conceitos em relação ao que nos era estranho. A partir daí, começamos a compreender que apesar da rua ser um lugar público, teríamos que tratá-la como um campo privado, portanto, respeitando as suas regras, nos impondo limites.

Na praça, ao visualizarmos os vários contextos em que aqueles jovens se inseriam, ficamos deslumbradas, realmente a rua para eles se fazia a vossa casa. Poderíamos afirmar que a praça é uma realidade “fabricada” no sentido recomendado por Certeau⁹ espessa de sentidos para os seus moradores, que fazem dela usos distintos por meio de um sem-número de trajetórias que compõem um lugar. Bem as nossas frentes nos depararam-nos com uma cena inusitada: um grupo de rapazes ao redor do fogo aquecia o vazio das suas barrigas com o alimento. Naquele momento, a cozinha ia sendo arranjada, simplesmente, debaixo de uma árvore. A sensação aflorada em nós foi de estarmos em um território alheio.

Num outro espaço da praça, a configuração de um quarto se materializa: colchão embaixo de uma árvore, que por sua vez, ocupava o lugar de guarda-coisas, pois ali eles guardavam uma trouxa de roupas. O privado se faz público na praça e nas paredes invisíveis essas duas condições se confundem. Sob essa ótica, Nery e Jacobina¹¹ afirmam que:

Lugar público por excelência, onde tudo (ou quase tudo) é permitido, a rua torna-se, a cada dia, na sociedade atual, espaço privado ou, pelo menos, lugar onde gestos da vida privada tornam-se visíveis aos olhos de todos, sob as árvores das praças¹⁰.

Monteiro⁸ traz em sua discussão justamente esse paradoxo, partindo da concepção de que a rua para além de suas vicissitudes é um ambiente público que ao mesmo tempo se torna espaço privado, em que atividades como higiene pessoal, alimentação, vida sexual e o dormir são vividas, cotidianamente por essa população em meio à exposição e a falta de fronteiras da rua. Ainda segundo o autor supracitado,

[...] compreende-se a apropriação da rua como expressão de aspectos subjetivos de cada indivíduo, onde muitos irão construir seus referenciais de identidade, de sobrevivência e relação com o outro. Assim, noções de limite, de regras de conduta, de privacidade e acolhimento são constituídas em meio à fragmentação, transitoriedade e vulnerabilidade que definem os sons e o tempo da rua¹⁰.

Antes da participação no Projeto EspaSSos da Rua, acreditávamos que essa população era composta por pessoas emocionalmente frágeis, com limitações cognitivas e restrições no âmbito físico e do cuidado pessoal, já que haviam perdas de vínculos estáveis com a família e a comunidade de origem, o que resultava em ausência de proteção e cuidado adulto. No entanto, percebemos que novos laços vão sendo construídos nesse espaço, novas famílias vão se formando, uma nova rede vai se tecendo, possibilitando, principalmente, rearranjo emocional dessa população. Uma busca

de sentido no cotidiano compreendida na perspectiva de Spink e Medrado¹², que o definem como:

Uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com situações e fenômenos a sua volta¹¹.

Durante os encontros visualizamos essas redes tecidas onde circulava a solidariedade, reciprocidade e cuidados mútuos, algo que para nós não seria comum no cenário da rua. Uma situação em particular nos chamou a atenção: em um dos momentos em que um carro que distribui alimentos chega ao local para realizar sua ação do dia, alguns meninos que não se encontravam no lugar têm o alimento guardado por outros que os esperam. Certamente, o que passaria despercebido aos nossos olhos, presenciam a solidariedade se tornando protagonista da cena do dia.

Quanto ao vínculo, a imagem estereotipada que fica desses jovens em situação de rua é frágil; as relações interpessoais quase inexistentes, dando uma ideia de cada um por si. Essa pré concepção limitada cria apenas a versão agressiva de se relacionar. Sabemos que isso acontece, mas não é a regra estereotipada a única existente. Fomos sinalizadas pela equipe dos EspaSSos que conflitos agressivos já foram presenciados sim por eles, mas como episódios isolados. Tivemos a oportunidade de descolar essa roupagem, testemunhando outras maneiras deles relacionarem entre si e com outros, onde valores como respeito, cuidado circularam no seu meio. Eles são além do que parecem ser!

Ao acompanharmos um jogo de amarelinha com três crianças (uma menina e dois meninos), foi possível presenciar tal situação, onde esses valores transitavam, implicitamente entre nós: o respeito um com o outro, bem como com as regras do jogo; o cuidado entre si e conosco; a troca de afeto. Foi como descobrimos formas diversas de subjetivação da vida social, construídas na história diferenciada dos protagonistas que se encontravam na rua.

Nessa perspectiva, entre eles há espaço para o respeito, regras e limites. Os nossos olhares testemunharam cenas como o de um vendedor de queijo coalho que parou na oficina de música para tocar um instrumento enquanto deixou ao seu lado a brasa e os queijos. Um adulto parou para comprar um queijo, sendo que nesse momento outro jovem do grupo se dispôs a assar o alimento. Ele se afastou um pouco por conta da

brasa, mas depois retornou dando satisfação ao vendedor. O rapaz que iria comprar acabou desistindo e o jovem demonstrou integridade devolvendo o queijo ao seu dono.

A honestidade foi outro valor que ressoou nas relações interpessoais desses jovens. Um exemplo foi quando um dos mesmos recebeu de uma pessoa que passava na praça alguns doces e refrescos em caixa. Ao sair para realizar uma atividade, deixou a caixa contendo tais guloseimas à vista de todos. Apesar de não ter nenhuma pessoa responsável para vigiar a caixa, alguns jovens que passavam e visualizavam os alimentos não o pegavam sem permissão. Era visível a preocupação que tinham em dar satisfação ao dono, mesmo podendo pegar os alimentos sem que o mesmo tivesse percebendo.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção foi à habilidade que jovens possuíam com a música, através do manejo com os instrumentos musicais. A música tinha a função de aproximar ainda mais a equipe daquela população. Além dessa continência através dos instrumentos, era visível a identificação deles com as músicas selecionadas e cantadas, por conta que as letras retratavam a realidade social, estimulando o pensar, questionar. Questionar eventualmente o inquestionável. Questionar e conhecer sem resignar. As composições falavam deles e ali configurava o prazer de falar de si e serem escutados. Dessa vez, as particularidades não eram vivenciadas através das SPA's e sim através do lúdico ou integração, que viabilizava a circulação das subjetividades desses jovens no âmbito coletivo.

Sendo assim, a música funcionava como uma estratégia eficaz de redução de danos. Em vários momentos visualizamos garotos trocando o prazer do uso das drogas pelo prazer da música, de tocar um instrumento, de fazer parte de um "grupo musical". A cola não saía do seu lado, continuava próxima, seja na cueca ou em outro lugar, entretanto por duas horas não se tocava nela, demonstravam não a desejar.

Medeiros¹³ faz uma reflexão sob essa ótica ao afirmar que crianças e adolescentes em situação de rua tendem a preservar diversos aspectos saudáveis da infância e adolescência. Em sua pesquisa traz que o uso de drogas para essa população representa justamente uma forma de contato com o lúdico ao proporcioná-las a vivência de momentos mágicos, de dar risada, de brincar com os desafios, de sentir-se super-heróis (sensação de prazer ocasionada pelo o uso de drogas relatada por jovens em seu estudo). Por isso, buscar alternativas de prazer deve ser um dos principais objetivos no processo do trabalho preventivo, ficando explícito essa conduta como estratégia do Projeto EspaSSos da Rua.

Hutz e Koller ¹⁴ afirmam que a vivência na rua tem demonstrado outras formas de aprendizagem a estes jovens, as quais pesquisadores vêm denominando de “*sabedoria de rua*”, dentre elas: a facilidade em aprender música, lidar com dinheiro e habilidades computacionais. Além destas habilidades, as autoras citam ainda que o viver nas ruas possibilita uma capacidade maior de amplitude viso-espacial.

[...] Elas estão atentas a todos os estímulos que a rua apresenta, como uma forma de defesa pessoal, como se tivessem radares ou antenas para detectarem estímulos que passam despercebidos ao transeunte comum ¹³.

Essa compreensão de habilidades adquiridas conforme a necessidade ambiente, também pôde ser percebida através da desenvoltura que eles têm com o espaço que convivem. Atravessam as ruas de uma maneira veloz, com uma agilidade de impressionar. Diante das condições ameaçadoras de adultos abusadores ou da polícia, esses jovens utilizam habilidade viso-espacial. Enquanto atuávamos na praça, estávamos o tempo todo exercitando a atenção dividida entre eles e os fatos externos, e literalmente esse é um exercício que exige uma habilidade não alcançada de imediato. Ao contrário de nós, eles estavam atentos a tudo e que acontecia na praça e ao redor dela.

Outra imagem cristalizada perpassa pelas condições físicas desses jovens, onde cabem a eles apenas as vestimentas sujas e rasgadas. A velha e corriqueira ideia que esses meninos e meninas são uns *molambentos*¹, que não cuidam da sua higiene pessoal e da sua aparência. Nesse ponto percebemos que essa roupagem é por vezes utilizada por eles no momento apropriado, na hora da mendicância de uns e da malandragem de outros que se envolvem em furtos. Nesse sentido, Hutz e Koller¹⁴ trazem que crianças e jovens em situação de rua, no intuito de obter aumento de renda, roupas e comidas, recorrem estratégias adaptativas, como engenhosidade e oportunismo.

Ainda no aspecto do cuidado, compreendemos a partir da reflexão com a equipe dos EspaSSos, que resta a esses jovens resquícios desse auto cuidado, como forma de sobrevivência. Para Maciel⁴ os jovens em situação de rua automaticamente articulam mecanismos de cuidados, que geralmente são aprendidos no seu dia-a-dia, resultando assegurar a continuidade da vida.

Entretanto, rompendo com essa variante, na pausa da noite, eles se mostram em boas condições de higiene. As meninas usam roupas descoladas e algumas até se

¹ Que usa molambo; que se descuida da própria aparência, em especial a vestimenta; estilo de quem opta por usar roupas surradas ou rasgadas. <http://www.dicio.com.br/molambento/>

maquiam. Nessa perspectiva, a equipe dos EspaSSos nos trouxe que esse ápice é resultado das intervenções realizadas através das oficinas de beleza, bijuterias e de cuidados pessoais, com o intuito de resgatar, sobretudo, a auto-estima e o auto cuidado desses jovens.

Em relação aos vínculos estabelecidos por essa população, percebemos que além daqueles constituídos entre si, e hoje com a equipe dos EspaSSos, os jovens em situação de rua também estabelecem vínculos com outras pessoas ou instituições da sociedade, apesar destes se restringirem, principalmente, a doação de mantimentos e vestimentas. Nos momentos em que nos encontrávamos na praça, presenciamos a doação de sopas, mingau e roupas.

Apesar da ajuda de algumas instituições, várias outras parecem, através de relatos dos jovens, serem resistentes em assisti-los. Um exemplo citado por eles são as instituições de saúde. Uma situação em particular nos fez compreender isto: um jovem com lesão na perna contou-nos que se deslocou para uma unidade de saúde próxima em busca de cuidados e os profissionais demonstraram resistência em acolhê-lo. Percebemos dessa forma, que a discriminação aos mesmos atinge também aqueles que deveriam estar prontos a atendê-los, transgredindo a integralidade da atenção em saúde.

Outros jovens também relataram situações semelhantes envolvendo os serviços de saúde, desde os de atenção primária aos de alta complexidade, principalmente por não terem documentos (registro de identidade ou certidão) identificando-os nos momentos de procurar os serviços. Nesse aspecto Hutz e Koller¹⁴ trazem que os jovens em situação de rua, estão mais expostos à violência, doenças e acidentes e se deparam com uma dificuldade quando busca por atendimento médico.

Profissionais de outras áreas, como por exemplo, do setor de segurança pública, também demonstraram descasos a esse grupo. Presenciamos no cenário da rua abordagens de alguns policiais militares as crianças e jovens daquela praça violando a dignidade. As atitudes eram de higienização de qualquer maneira aquele lugar, principalmente por estar próximo do período de carnaval. A recepção aos turistas do mundo inteiro deveria ser impecável, em contrapartida, a recepção a própria população que demandava cuidado e proteção, se fazia da maneira mais rude e desagradável. Assim, ficava claro que estávamos sob a ótica do cuidado e eles no viés da repressão, ou seja, cada um no seu ofício.

Em relação a essa situação específica envolvendo a gestão municipal e Segurança Pública, Noto et al³ cita em seu trabalho que outras situações como esta são vistas no cotidiano da rua das demais capitais brasileiras. Durante suas pesquisas, algumas crianças e adolescentes tipicamente em situação de rua relataram sofrer ameaças de “rapa” em uma perua que seguiria para um “lixão” de uma determinada cidade o qual se configurava em local de difícil acesso a população. Além disso, acrescenta que esses mesmos jovens sofreram ameaças de vários policiais.

Noto et al³ cita ainda a fragilidade dos serviços de saúde voltados para as crianças e adolescentes em situação de rua, evidenciado nas 27 capitais brasileiras, através da dificuldade de encaminhamentos para tratamento da dependência às SPA's e demais problemas referentes a saúde. Tais autores apontam como causas para o distanciamento entre a população de rua e os serviços de saúde: as descrenças dos jovens em relação aos profissionais, a pouca familiaridade desses jovens com os serviços e o preconceito dos profissionais em relação à situação de rua. Além desses agravantes, outra dificuldade são os profissionais que sentem dificuldade em encaminhar e/ou lidar com o uso/abuso de SPA's.

Pensando nessa problemática, a equipe dos EspaSSos vem realizando um trabalho eficaz com essa população envolvendo a temática “Redução de Danos”. Como citado anteriormente, sabemos o quanto esses jovens estão expostos a doenças, seja pelo uso constante de SPA's, seja pela possibilidade de manterem relações sexuais precocemente e desprotegidas, se configurando em um risco ainda maior quando as duas situações encontram-se associadas.

Noto et al³ refere que quanto ao comportamento sexual de risco, o estar sob efeito de substâncias psicoativas é visto como um estado de vulnerabilidade importante. Complementa, ao relatar em suas pesquisas, dados indicando que os jovens em situação de rua e usuários de SPA's costumam ter mais relações sexuais, maior diversidade de parceiros e menor aderência ao uso de preservativos.

Diante disso, os profissionais dos EspaSSos têm sempre a preocupação em possibilitar a existência de um espaço onde esses assuntos possam ser circulados e discutidos. Para nossa surpresa essa preocupação não era apenas dos profissionais, os jovens dessa praça também demonstravam interesse em aprender a se proteger. Esse interesse era percebido à medida que eles iam se colocando, retirando suas dúvidas e

prestando bastante atenção nos assuntos abordados pelo redutor de danos, além da busca ativa pelos preservativos que eram fornecidos ao final de cada discussão.

A partir da vivência no Projeto EspaSSos da Rua tivemos a oportunidade de visualizar o quanto que as intervenções realizadas pelos profissionais desse consultório de rua são de extrema importância na vida de cada jovem em situação de vulnerabilidade social e o quanto que o convívio em alguns momentos com eles nos fizeram desconstruir um imaginário que até então parecia consolidado. Nesse sentido, concordamos com Noto et al³ ao afirmar que a fragilidade da rede de assistência em atenção a população em situação de rua é um fator que colabora significativamente para a perpetuação do consumo de SPA's no contexto da rua. É visível que este cenário urge pela necessidade de abrir novos debates, visando o fortalecimento da rede de atenção a essa população específica, objetivando garantir minimamente a sua estabilidade.

Sabemos que a qualidade dos serviços e a articulação entre eles também são fundamentais, portanto se faz necessário que os segmentos que trabalham diretamente com a população de rua enfatizem que não se trata apenas de um trabalho como afirma Noto et al³ relacionado e desenvolvido pelo setor social , mas, principalmente pela integração de diversos setores, entre eles: educação, habitação, direitos humanos, segurança, etc, respeitando sua autonomia, direito de escolha e evitando juízos morais. Para tanto, o ponto de partida é o treinamento do olhar profissional que deve enxergar as pessoas na calçada como portadoras dos direitos de um cidadão brasileiro, possibilitando o acesso dessa parcela da população, a políticas públicas que efetivamente possibilitem a equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma peregrinação foi desenvolvida, considerando a complexidade do cenário de jovens e crianças em situação de rua. Buscou-se narrar a experiência vivenciada. Durante a elaboração deste relato percebemos o quanto que esse tema “crianças e jovens em situação de rua” vem circulando e debatido nos diferentes meios de comunicação de como: os drogados, os marginais, os delinquentes, cuja única atividade é a sua sobrevivência.

Ao avaliarmos essas questões, compreendemos que as atividades desenvolvidas pelos consultórios na rua, em especial o consultório do CAPS ad Pernambués, são intervenções alicerçadas em uma visão abrangente sobre esse grupo marginalizado, a

pessoa em situação de rua tem sua própria história e sua forma de lidar com a rua, seus motivos que os levaram a rua e as dinâmicas atuais de permanecerem nas ruas. Dessa forma, entendemos que, conhecendo esse grupo em suas características específicas, o profissional ou equipe terá condições de intervir/abordar de uma maneira mais livre de ideias pré-concebidas. Além disso, entendendo e levando em consideração as concepções dessa população, poderão se obter elementos-chave para o planejamento, execução e avaliação de ações em programas de políticas públicas que visem a reintegração/filiação desse à sociedade.

Para que de fato isso se viabilize, além da responsabilização das esferas políticas em qualificar a rede de saúde e fazer valer o que rege os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), se faz necessário a disponibilidade dos profissionais, não só da área de saúde, mas de todos os setores que promovam o cuidado integral. Nesse sentido, é improdutivo ficar fazendo e defendendo apenas a sua parte, ou se queixando. É preciso romper com a lógica da aporia, ou seja, segundo Black-burn¹⁶ romper com o método de levantar problemas sem fornecer soluções. É necessário estimular formas de escuta e de intervenção que favoreça a posturas reflexivas e buscar o compartilhamento das experiências no campo da intersectorialidade, a partir da articulação de rede de apoio do campo da saúde, assistencial social, jurídica e educação.

Por esse caminho, notamos que o sentido do cuidar se expande, perpassando pelo campo do direito, que defende a cidadania como direito de todos. Acerca desse ponto, é válido ressaltar que o resgate ou a apropriação desse lugar de ser cidadão por esse grupo em situação de rua é altamente terapêutico. É a tomada da consciência de existir como sujeito social.

Assim, precisamos compreender que a rua também é uma arena que pode fomentar a plasticidade desses jovens. Lancetti¹⁵ aponta as ruas como novos *settings* de cuidados altamente férteis para a produção de subjetividade e cidadania, bem como marca práticas de ousadia, de criação e reinvenção da potencialidade desses sujeitos se apropriarem do seu papel de ser cidadão. Que possamos nos inspirar nessa ótica para irmos além das fronteiras dos serviços de saúde.

Sendo assim, o Projeto “EspaSSos da Rua” é uma alternativa servindo como instrumento, para romper com o registro do não ter e do não ser; abrindo novos horizontes para a subjetividade, para a arte, para o lugar de simplesmente brincar, de serem sujeitos de si. No meio da hostilidade dos muros sem fronteiras das ruas e das

SPA's, esse momento é a oportunidade de se cuidar e ser cuidado, de promover ações saudáveis. Da nossa parte, mesmo de uma maneira sutil, com uma frágil vinculação, foi perceptível o sentido desse encontro, trabalhar com o que foi possível no “aqui e agora”.

É nesse palco de contradições, nas quais os problemas e conflitos aparecem a partir da relação com a rua, que representa a possibilidade de serem analisados pela dissonância que provoca na autoestima dos indivíduos em situação de rua. E sobre esse fio da “Rua” que os personagens vão equilibrando o passo a passo. Portanto, é preciso pensar em projetos voltados para esses jovens em situação vulnerável das ruas, acima de tudo, incluindo eles como sujeitos ativos desse processo de construção, desde o seu planejamento, execução até a avaliação, afinal, a implementação de tais políticas são para eles e devem levar em consideração as suas diferentes percepções.

Aqui chegando, percebemos o quanto o nosso mundo enquanto residentes, ganhou novas cores e dimensões. Expandiu o lugar de pessoa e do profissional de saúde mental citando Deleuze¹⁷ acreditar no mundo significa suscitar acontecimentos, mesmo pequenos que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo -, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. Este, sem dúvida é o início de tudo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLACKBURN,S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Consultoria de edição brasileira de Danilo Marcondes.Trad, Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas** / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 60 p.: il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).
3. CASTELLS, M. I. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
4. CERTEAU, M.A. **A Cultura no plural**. São Paulo. Papyrus- travessia do século: 1995.
5. DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

6. ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
7. HUTZ, C.S; KOLLER, S. H. Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. Rio Grande do Sul: **Estudos de Psicologia**, 1996, 2(1), 175-197.
8. LANCETTI, A. **Clínica Paripatética**. São Paulo: Hucitec, 2007.
9. MACIEL, R. S. **Jovens em Situação de Rua e o autocuidado**. In: 1º Congresso da ABRAM, São Paulo. Congresso da Associação Brasileira Multidisciplinar de Drogas, 2008.
10. MEDEIROS, M. **Olhando a lua pelo mundo da rua: representações sociais da experiência de vida de meninos em situação de rua**. [tese]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 1998.
11. MONTEIRO, L. F. C. O uso de substâncias psicoativas por crianças e adolescentes em situação de rua: uma leitura winnicottiana. In: Nery Filho, A., [et al.]. **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009.
12. NERY F. A.; JACOBINA, R. Meninos de rua e drogas. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Conversando sobre drogas**. Salvador: EDUFBA, 1999.
13. NERY, F., A.; MESSEDER, M. L. **Exclusão ou Desvio? Sofrimento ou prazer**. Entre riscos e danos: uma nova estratégia de atenção ao uso de drogas. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 59-70.
14. NOTO, A.R. et al. **Levantamento sobre o uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua das 27 capitais brasileiras**. São Paulo: Centro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (UNIFESP); Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2003.
15. ONOCKO, C. R. Clínica: a palavra negada. Sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos se saúde mental. In: **Saúde em debate**. Rio de Janeiro, v.25, n.58, p.98-111, maio/ago, 2001.

16. SPINK, M.J & MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico- metodológica para análises das práticas discursivas. In: SPINK, M.J(Org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximação teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000.
17. ZALUAR, A. (Org.). **Drogas e Cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1994.